

A CRÔNICA de Rubem Braga

29/9/59

O CRIME

DEU agora o Deputado Tenório para esclarecer homicídios, o que sempre melhor que praticá-los. Talvez seja um caso de regeneração através da literatura: em lugar de praticar seus crimes o deputado inventa os alheios.

Imaginação, coisa essencial no ramo, é que não lhe falta, ao barbadinho de Caxias. Tem até demais, e isso atrapalha. Todos se lembram que êle começou a campanha a favor do ex-tenente Bandeira dizendo que quem assassinou Afrânio Arsênio foi um sujeito chamado Joventino. De entrevista em entrevista êle foi, porém, se animando, melhorando a história, lançando mais personagens, e culminou nesta afirmativa: nada menos de 12 pessoas foram à ladeira do Sacopã matar o bancário. O tal Joventino estava entre elas, e deu muitas coronhadas em Afrânio quando êste já estava morto. Ora, agredir um defunto a coronhadas pode ser uma deselegância e, mesmo, prova de mau caráter; mas não chega a ser homicídio.

Além das 12 pessoas implicadas nesse crime (quase um comício) o Deputado Tenório ainda nos afirma que um delegado de polícia andava procurando um homem para matar Afrânio, e diz que a carta do finado banqueiro de bicho Arlindo Pimenta confessando o crime é falsa, mas Arlindo tinha mesmo alguma coisa a ver com a história.

Sinto que, se essa novela continuar, o número de personagens irá aumentando — e quem sabe se, num golpe supremo de imaginação, o Deputado Tenório não entrará êle mesmo na história? E por que não meter também o Zica e o Fernandinho? E o Gregório?

Mas vamos parar a crônica antes que eu também seja envolvido; eu e o leitor. A propósito, leitor: onde estava você, na noite de 6 de abril de 1952?